

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A NOSSA PÁTRIA

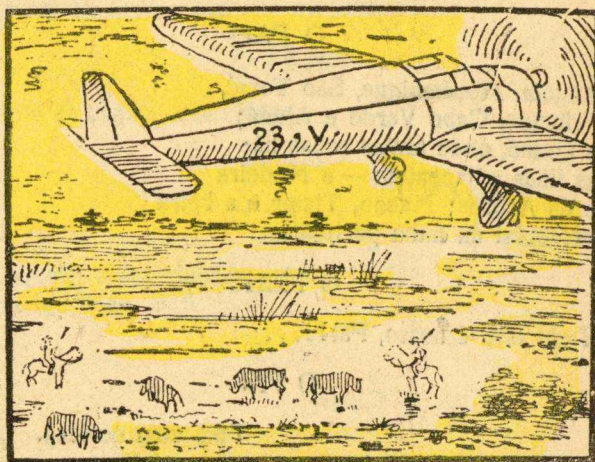
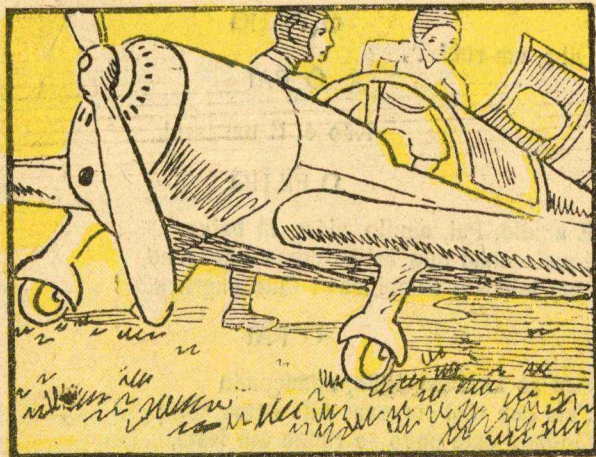
JORNADA RADIOFÓNICA EM VERSO
Por AUGUSTO de SANTA-RITA

A NARRADORA

MENINOS portugueses, escutai
o que decorrer vai
dentro de alguns segundos...

Portugal deu ao mundo novos mundos!...
E êsses mundos que ao mundo a Pátria deu,
eu vós irei mostrar, mostrar do Céu,
pairando sôbre a Terra, a gente, as casas,
entre umas asas lindas, grandes asas;
asas dum avião, cujo piloto
leva consigo um filho. Esse garoto
é um menino português que tem,
como vós todos, um tesoiro, um Bem:
— êste anseio sem fim, que em nós mal cabe,
de se aprender o que inda se não sabe!

Satisfazendo o seu desejo, o pai
leva consigo o pequenino e vai



mostrar-lhe o que êle não conhece ainda:
— a sua Pátria, a nossa Pátria linda!
Ide, também, com êle em pensamento!
Escutai, pois, de ouvido bem atento,
para que nem um só dizer se perca!

A acção decorre aqui pertinho: — Alverca...
Campo da Aviação. Manhã de Agosto,
um dia lindo, um dia em que dá gôsto
sentir da Vida a grata sensação!

Meninos portugueses, atenção!

O FILHO

Paizinho, o que é a Pátria, a nossa Terra?
Conta-me, conta tudo quanto encerra!
Dizem que é Portugal, que é pouco extensa
mas linda!

O PAI

Não. Enganas-te. É imensa.
A nossa Pátria é muito grande!

O FILHO

Sério?!...

O PAI

Sério, meu filho. É todo um vasto Império.
Não é só Portugal.

O FILHO

Que é mais, então?!

O PAI

Vais já saber. Dá, pois, muita atenção...

A nossa Pátria, filho, é tôda a terra
conquistada por nós, planície ou serra,
onde a nossa semente germinou,
cresceu, floresceu e tudo perfumou!
Não é só Portugal.

O FILHO

Então, o que é?!

O PAI

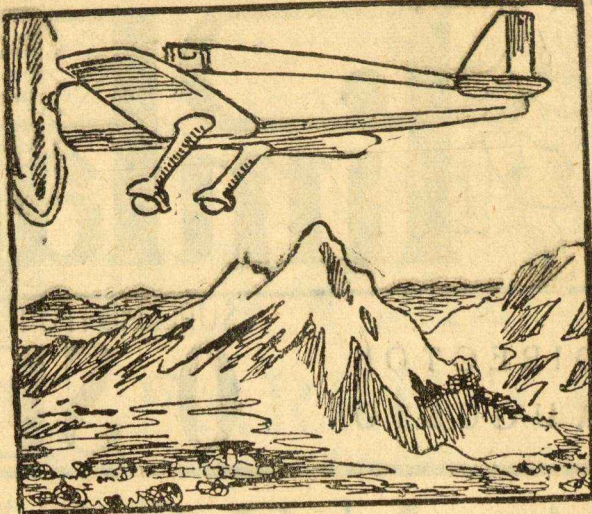
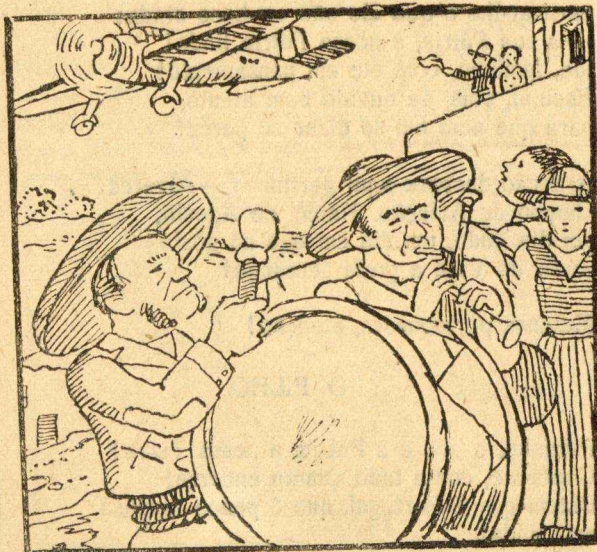
Angola, Moçambique, São Tomé,
Príncipe, Cabo Verde e Ajudá;
a Guiné, onde tantas roças há;
as ilhas adjacentes: — a Madeira
e os Açores; Macau, Timor e a beira
ocidental da Índia portuguesa.

O FILHO

Tudo isso é nosso, Pai?!...

O PAI

Pois com certeza.



O FILHO

Mas que grande, afinal, é nossa Terra!
Conta-me, dize tudo quanto encerra.

O PAI

Vamos, então, viajar... Entra comigo
neste avião. Sossega, não há p'riço...
Sobe para a carlinga... Eu vou, além,
ao volante e, assim, d'alto, verás bem
tudo quanto, de grande e belo, encerra
a nossa Pátria, a nossa linda Terra!

Deixa-me pôr a hélice a girar!

(Ruido do motor — Disco)

Pronto. Vamos embora... Ei-lo riscando o ar!

O FILHO

Meu Pai, que belo é ver, num sobressalto,
as coisas e as pessoas, assim, d'alto!
O que é aquilo, Pai, que em baixo vejo?!
Uma fita de prata...

O PAI

O rio Tejo,
Lampeja, fulge como espelho ao sol!

O FILHO

Olha, um rubi...!

O PAI

Não é. É um farel.

O FILHO

E aquilo, Pai, aquilo, além, lá baixo,
aquele chão que brilha como um facho,
com toiros e campinos?! Que engraçado!

O PAI

São as Lezírias, filho; abençoado
País que tem riquezas tais como esta!
Quando este povo se reúne em festa,

não dança o «one-step», o «fox», o tango, mas o portuguezíssimo fandango.

— (Execução da música: — o fandango. Disco) —

Olha, repara... Ei-los dançando além...
Eles de calção verde, nota bem,
e de fanchas vermelhas; meias brancas...
Elas com largas saias e tamancas.

O FILHO

Que música tão linda, Pai!

(E a música suspende)

O PAI

Encerra
todo o sentido popular da Terra.

O FILHO

E aquilo, Pai, o que é aquilo, além?!
Que linda mata!...

O PAI

O Val' de Santarem,
Pregunta mais, pois em saber não perdes.
Viveu ali Joaninha de olhos verdes;
cantada por Garrett, em seu romance
«Viagens na minha terra», cujo lance,
cujo enredo de Amor, todo poesia,
com íntimo prazer lerás um dia.

A NARRADORA:

Como se fôra uma colossal ave,
corta, veloz, o espaço a aeronave,
através do céu d'oiro luzitano,
conduzindo o pequeno, todo ufano
dos encantos sem par da sua terra,
de planície em planície ou serra em serra,
sobre vergéis em flôr ou sôbre o gêlo,
por entre exclamações: — «E' lindo, é belo!»
Passam, agora, altivamente, ao sol,
sôbre a Serra da Estrêla, alvo lençol,
espectáculo inédito que o espanta!

O FILHO

Que é isto, Pai?! Roupa a secar; mas tanta
que nem se vê um palmo só de terra?!...

O PAI

É a neve cobrindo tôda a serra!

O FILHO

Que lindo, Pai!...

O PAI

Maravilhoso, filho;
Uma nova feição a dar seu brilho
ao nosso estranho e lindo Portugal.
Baixemos mais o vôo sôbre o vale...



Sigamos nosso rumo, nosso trilho...
Montes Hermínios... Vê!... Aqui, meu filho,
Viriato viveu.

O FILHO

O' Pai, quem foi
Viriato?

O PAI

Ouve bem: — Um grande herói;
um hercúleo pastor, com alma vírgem,
a quem se deve a luzitana origem.

O FILHO

Como se chama esta cidade?

O PAI

A Guarda.

O FILHO

E aquela, além, naquela mancha parda
mas tão linda, meu Pai?!

O PAI

Além? Vizeu,
onde existe um riquíssimo museu,
o museu de Grão Vasco, que contém
quadros de alto valor.

O FILHO

E além, além,
à nossa esquerda, Pai?

O PAI

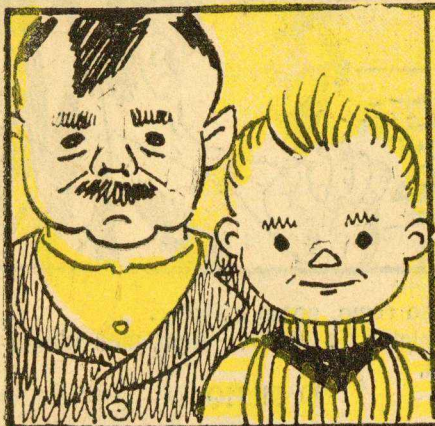
E' a Cruz-alta,
o Bussaco; onde outrôra, a grande malta
do exército francês foi derrotada,
numa certa manhã, abençoada,
por nossa gente, em cujo sangue ferve
sua coragem, sua força e verve,
o belo humôr da Raça portuguesa!

O FILHO

E aquilo, além, meu Pai?

(Continua na página 6)

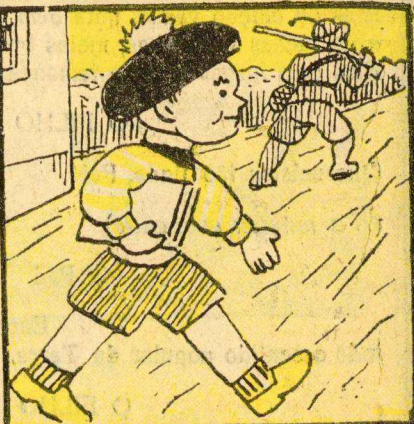
DUAS RAPOSAS



I — O caçador Zé Maria tem um filho, o Zé João, muito esperto, todavia, também muito mandrião.



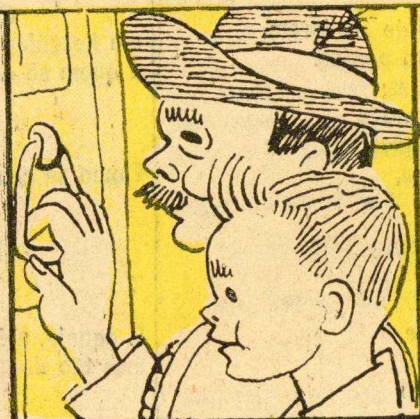
II — Assim que o pai vai à caça, atira os livros ao ar e a brincar a manhã passa sem um momento estudar.



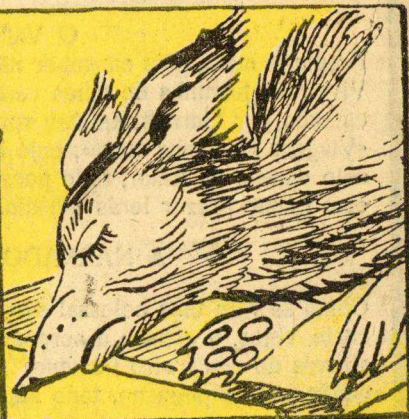
III — Certo dia, enquanto o Pai segue da caça o ditame, Zé João de casa sai, a-fim-de fazer exame.



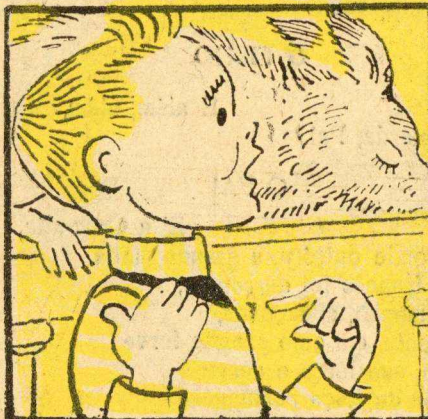
IV — Hora e meia decorrida, a mãe do nosso pimpolho, tôda entregue à sua lida, sente bater no ferrolho.



V — Então, com grande alegria, abrindo a porta, depara Zé João e o Zé Maria que ao mesmo tempo chegara.



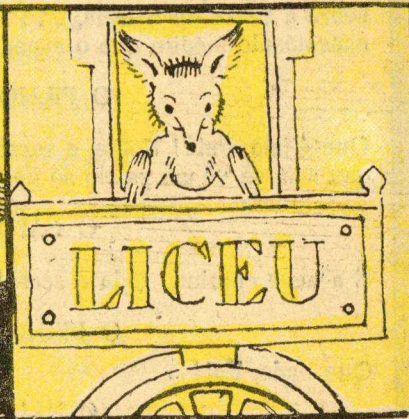
VI — «Caçei hoje rica peça!...» brada Zé Maria à esposa que quási perde a cabeça ante uma bela raposa!



VII — Ao ver a Mãe tão contente, como se houvera uma festa, o Zé João, de repente, dum canto, sai-se com esta:



VIII — Tanta alegria estou vendo por tão pouca coisa, em suma! Pois fiquem ambos sabendo que eu também apanhei uma!



IX — «Tu?!... (diz o Pai) Tu, também! Volve o filho: — «Sim, Pai, eu!» — «Que é dela?» Pergunta a Mãe — «Deixei-a lá no Liceu!»

O Poço da Quinta

Por LEONOR de CAMPOS

A quinta em que o Armando costuma passar o verão é grande, ótima para brincadeiras. Tem muita árvore para dar sombra, uma fonte onde há água fresquinha, enorme capoeira cheia de galinhas e perús e... — deixo para a fim o mais agradável — um esplêndido terreiro onde pode jogar-se à vontade o *foot-ball* ou qualquer outro jogo divertido.

Porisso, o Armando anda radiante, mal vê a aproximação do verão se aproxima. Bem bom!... Bem bom!... E' tão bom correr à vontade, rebolar na terra, saltar o eixo, jogar o *foot-ball*, sem receio de sujar ou estragar o fato ou o calçado! Na quinta não há preocupações de elegância. Por ordens superiores a criança veste e calça o que tem de mais usado e está lá para deixar de servir.

Bem bom!... Bem bom!... O Armando, os irmãos e os primos — todo cinco diabretes — estão na quinta há já um mês e lá estarão até Outubro, para assistirem às vindimas.

O Armando é o capitão do rancho. Ele, que é o mais endiabrado, o mais estoirado, quando lhe apetece toma uns ares de chefe que até mete medo. Os outros respeitam-no e obedecem-lhe. Não que ele tem mãos de ferro para jogar o *box*. E pés de aço para dar pontapés. Só um dos primos, o Júlio, se atreve a reponter algumas vezes.

Porque o Júlio é um rapazinho ajuizado e obediente. Gosta de brincar mas com termos. E não contrariaria nunca a vontade dos pais ou dos tios.

Já o Armando não é assim. Só lhe apetece fazer o que é proibido. A brincar, é mesmo um doidivanas. A's vezes mete-se na capoeira, armado com um pau de vassoura... e vai tudo raso.

— Qui-qui-ri-qui!... Có-có-ró-có!... Glu-glu-glu-glu!... Cuá-cuá-cuá!...

E' uma barulheira e uma correria que ninguém se entende.

O Júlio bem se farta de gritar: — «Larga a bicharada! Vem cá para brincar!...»

Mas o Armando não faz caso. E só deixa os bichos quando o primo o ameaça:

— «Ah sim? Pois vou dizer à tia o que estás a fazer e ela, amanhã, ao almoço, não deixa comer ovos!...»

Então, o Armando, enraivecido, sai da capoeira a berrar:

— «Meu grande *queixinhas!*... Também não admira que sejas *queixinhas!*... Tens o cheiro de rabeça!...»

Ora noutro dia, depois de brincarem aos respectivos, de jogarem o jará e o caracol, Armando pergunta ao Armando:

— «Eh rapaziada, vamos fazer um poço?»

— «Valeu!... — concordaram os outros — mas como?»

— «Com os nossos sachos... E depois vamos buscar água à fonte e enchêmo-lo...»

— «Boa ideia!...»
Daí a algum tempo, estava o poço acabado. Era uma cova um pouco funda, mas bastante larga, que os rapazes trataram de encher de água.

Os *trabalhadores* sentaram-se, então, à sombra, a gozar o merecido repouso. Mas o Armando não estava ainda satisfeito. A certa altura levantou-se e lembrou:

— «Vamos nós saltar o poço?»
— «Nada — respondeu o Júlio — Eu cá não salto. E' muito largo e se a gente não se agüenta ao saltar, pode cair lá dentro!...»



— «Ai, crédo!... — disse o Armando a troçar — O pior é se o menino se afoga!... Sabes que mais, meu *mariquinhas?* Vai pedir à ama que te ponha outra vez as fraldas!...»

E o Armando, no meio das gargalhadas da sua tropa, formou o salto e... foi cair



do outro lado. Pouco depois a brincadeira estava generalizada. Todos saltavam, gritando:

Salto a pocinha de cá para lá!... salto outra vez de lá para cá!

Só o Júlio não saltava.

Até que, de repente, sucedeu o que êle previra. O Armando, já talvez um pouco cansado de tanto saltar... zás!... caiu na poça.

E depois...

Querem saber o que sucedeu depois? Não tem nada de divertido. O Armando foi mudar de roupa a casa. Esta é bastante afastada do lugar em que fizeram o poço. De maneira que o rapazito ainda chegara a meio do caminho e já estava a espirrar:

Atchim!... Atchim!... Atchim!...

E durante oito dias não pôde brincar na quinta. Parecia que a fonte se mudara para o nariz dêle. Pingava, pingava, que era mesmo um desconsólo,

E o Armando resmungava, muito mal humorado:

— «Enquanto me lembrar esta, de poços está a quinta livre!...»

A N E D O T A S D O A N D R É

Decerto não conheceram o André, o homem mais reinadio que, até agora, apareceu em Portugal, ilhas e colónias.

Eu também não. Contudo sei que êsse André era um homem de olhos azuis, aos quadradinhos e nariz de papagaio. Metia os pés para dentro e andava para trás como o carangueijo.

Desde criança que mostrou grande inteligência.

Lá na terreola, andava, no monte, a guardar ovelhas, cantarolando modinhas. Porém, muitas vezes, dizia:

— Ah! Se eu fôsse rico, se fôsse muito rico...

Tantas vezes mostrou êste desejo que alguém lhe perguntou:

— Que fazias tu se fôsses muito rico?

— Ora essa! Se fôsse muito rico, muito rico, guardava as ovelhas a cavalo, porque, a pé, canço muito...

.....

André cresceu. Fez-se cozinheiro. Mas, muito mandrião, não havia maneira de acordar às 7 horas para arranjar os almoços.

Um belo dia, os patrões trouxeram-lhe um despertador:

— Tome lá. Isto é para você acender o lume às 7 horas!

— O quê? Os senhores não estão bons de cabeça. Como é que eu posso acender o lume com uma máquina destas?

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS
POR ABELHA MESTRA

Minha querida Maria Clotilde

Atendendo o teu pedido, para a publicação de alguns «animais pequeninos» como tu aizes, aqui tens, hoje, a borboleta, o gato, o rato e a rã.

Dentre estes, já podes escolher algum e numa próxima quinta-feira hei-de apresentar-te mais interessantes bicharocos, que, assim isolados, constituirão ornamento engraçado para variadíssimas aplicações, tanto de roupa de criança, como de muitos outros trabalhos.

Repara, agora, como hás-de bordá-los.

A *Borboleta* — amarela com as malhas das asas em castanho escuro.

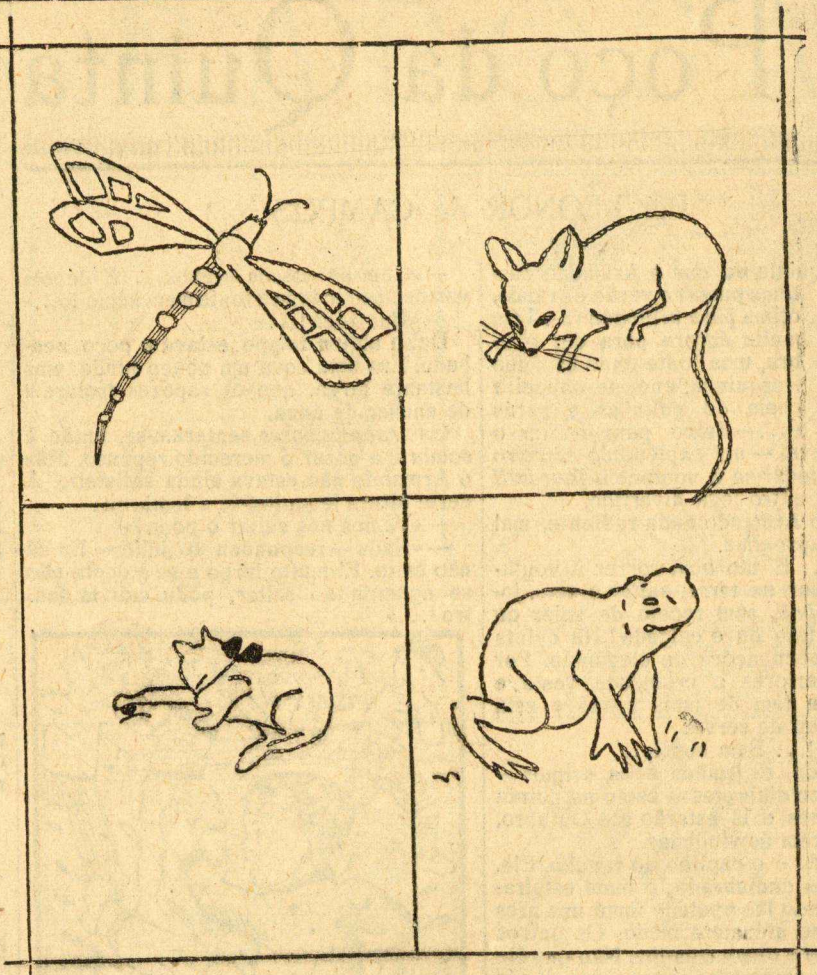
O *Rato* — cinzento escuro com a boca encarnada.

O *Gato* — prêto com a fita da coleira encarnada e a bola amarela.

A *Rã* — verde com os olhos prêtos.

Recebe um grande abraço da tua amiguinha

ABELHA MESTRA



A NOSSA PÁTRIA (Continuação da página 3)

O PAI

Já digo. Reza primeiro um Padre-nosso...

Além, repousa

o incógnito soldado em cuja lousa uma inscrição atesta a nossa entrada na Grande Guerra mundial. Sagrada deve ser esta terra para ti.

No século catorze, — (atende) — aqui, Nun'Alvares, modelo dos heróis, venceu numa batalha os espanhóis.

O FILHO

Aljubarrota?...

O PAI

Sim. Aqui, em breve,

em representação reinar-se deve, num justo preito à Nacionalidade, a nossa Infância e a nossa Mocidade numa grande homenagem da Nação; E tu virás também. A inscrição do teu nome já fiz. Aljubarrota, farol da tradição, é rumo, é rota

que devemos seguir nesta Cruzada por Deus, por nós e pela Pátria amada.

A NARRADORA

Prosseguindo o seu vôo, em pleno dia, o lindo panorama de Leiria, eis surge agora e, num recorte d'oiro, seu rio Liz e seu castelo moiro; terra formosa onde, em suave arrobo, suas graças cantou Rodrigues Lobo. Vôam já em Coimbra, a cujos pés o túmulo de Pedro e sua Inês evocam lindas páginas da História. Passam, agora, sôbre o Hotel Astória, o Choupal, as tricanas, estudantes e longínquas guitarras soluçantes, embalando o suavíssimo sossêgo... Serenatas de Amor junto ao Mondego!...

— (Disco de serenata coimbrã)

Aveiro, ao longe, embora português com sua ria, faz lembrar Veneza. Voam, agora, sôbre o nosso Doiro com seus vinhedos e seus cachos de oiro.

REFERÊNCIA AUXILIAR

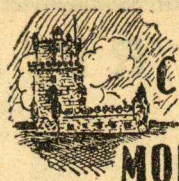
Como o anterior, este monumental palácio, convento, igreja ou basílica, foi mandado construir por D. João V numa pitoresca vila do distrito de Lisboa. Principal atracção turística, a sua formidável estrutura e imponência do edifício, rivalizam com muitas obras estrangeiras semelhantes.

Foi consequência dum voto em louvor de Santo António, a quem o monarca fez a petição de lhe ser concedida a felicidade da rainha dar herdeiros á coroa.

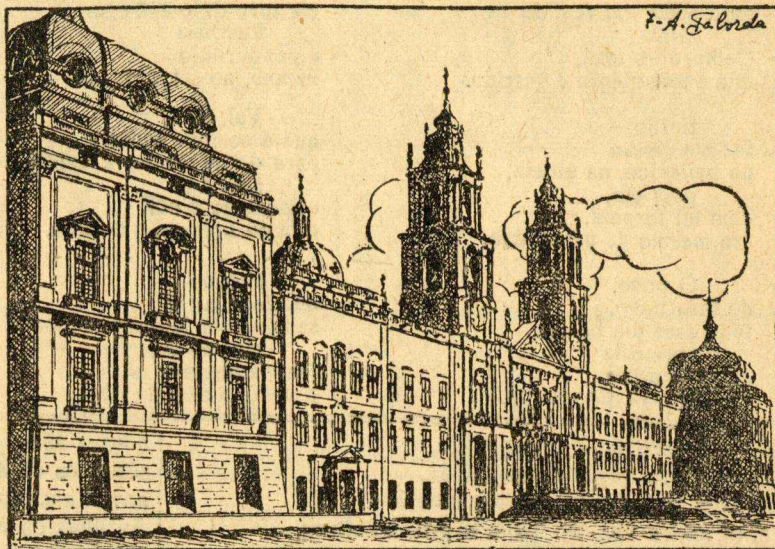
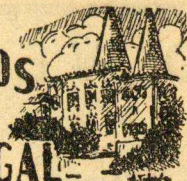
A sua construção foi iniciada em 1717 sob o risco pesado do alemão João Frederico Ludovice, trabalhando nêle diariamente e durante quinze anos, uns vinte a vinte e cinco mil homens e mil e trezentos bois, sob a ordem e vigilância dum exército de sete mil soldados. Diante da obra, erguia-se a figura espectral da força esperando desgraçados operários que se sublevavam em virtude do grande atrazo em que se encontravam as jornas. Muitos dêles morreram de fome e no hospital entraram alguns milhares de doentes.

Tem duas tórres com 70 metros de altura, onde estão o relógio e os célebres carrilhões feitos em Antuérpia, havendo concertos semanais em que tocam 93 sinos que se ouvem a muitos quilómetros em redor.

Foi residência real e actualmente



CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



F. A. Salorda

parte das suas salas encontram-se convertidas em museus, funcionando lá, também, uma Escola Militar e Repartições Públicas.

O custo desta monumental construção, orçou por 48 milhões de cruzados, o que equivale a dezanove mil e duzentos contos.

Seguindo o litoral, chegam, por fim, à marítima Póvoa do Varzim onde as vagas do mar, em catadupas, enchem de espuma a prôa das chalupas e dos barcos de pesca, traduzindo dos poveiros o drama heroico e lindo!

—(Disco: — ruído das ondas e do esforço dos pescadores, auxiliado com os seguintes di-zeres:)

—Barcos ao mar! Arriba, arriba, arriba!...
O-ô-ô-ô-ô-ô-ô!... O-ô-ô-ô-ô-ô-ô!... Cá «ba-mos»!...

A NARRADORA

Já sôbre o Porto vão... a capital de quando a Pátria era Portucal! Grande cidade... Movimento, Vida...

—(Disco: — Ruído de multidão, buzinas, etc.)—

Porém, numa carreira desabrida, o céu transpondo, segue o seu caminho o lindo avião e paira sôbre o Minho...

—(Disco: — Zé Pereira e gatta de foles)—

O FILHO

Que é aquilo, meu Pai?

O PAI

A música local,
uma música já tradicional;

o Zé P'reira, com gestos lentos, moles,
tocando bumbo ao som da gaita-foles!

—(Novo disco: — A Romaria, o Vira)—

E aquilo, aquilo, Pai? Mas que alegria
há nesta terra!...

O PAI

E' uma romaria.

Olha, dançam o Vira...

O FILHO

Que engraçado!

O PAI

E' um característico bailado
desta linda província portuguêsa.

O FILHO

Que dança tão bonita! Que beleza!

O PAI

Voltemos a Lisboa. Vou mostrar-te
o sul de Portugal; tôda a su' Arte,
seus encantos sem fim! Vais ter ensejo
de ver nosso riquíssimo Alentejo,
o lindo Algarve e o pòrtico de Sagres,
com suas lendas, tradições, milagres!

A NARRADORA

Voltando, agora, sôbre Trás-os-Montes,
Por cima de nascentes e de fontes,

O VESTIDO DA RITA

Por LAURA CHAVES

A Rita
foi comprar chita
para fazer um vestido
taful.
Comprou-o azul,
que é tom alegre e garrido.

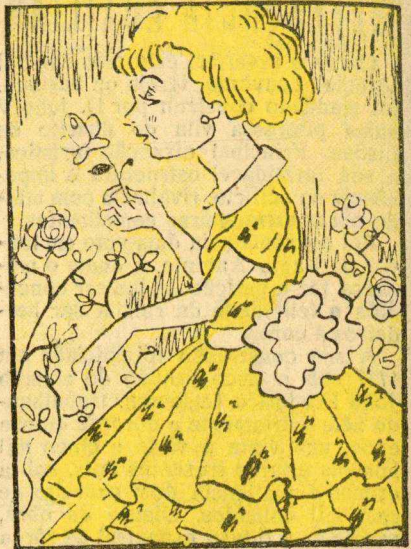
Então,
fez um vistão
no bailarico, na aldeia,
pois ela,
com tal farpela,
era mesmo de mão cheia.

O povo,
de fato novo,
todo êsse dia falou
mas Rita
chorava aflita
porque o vestido sujou.

No rio,
horas a fio,
ela teve de o esfregar.
Lavou-o
e pendurou-o
depois, ao sol, a secar.

Vai, êste,
que é sempre agreste
para o que é falso e mentido,
sem dôr
comeu-lhe a côr
e ficou branco, o vestido.

.....
Pessoa
que fale, à tóa,
sempre em linguagem bonita
mas no ar,
faz-me lembrar
o vestido azul da Rita.



vôa, já de regresso, a aeronave,
como se fôra uma colossal ave;
Beir'alta, Beira baixa, Extremadura
e ei-la, outra vez, no Tejo, a grande altura,
em direcção do sul de Portugal.

Sob o seu vôo, altivo e triunfal,
passam, agora, a Arrábida, tão rica
de verdura e de seiva, Caparica,
a grande praia, a nossa costa azul!
E já descendo, um pouco mais ao sul,
Évora e, logo, Beja, Portalegre,
Portimão, Faro, Olhão e o tão alegre
Promontório de Sagres, com seu braço
erguido ao mar e ao infinito espaço!

O FILHO

Pai, o que é isto?!... Então, aqui, também,
a neve cai em flocos?! Vê... além,
sôbre a copa das árvores... Que lindo!...

O PAI

Não, filho; não é neve. Reflorindo,
tôda a amendoeira produz êste efeito.
São flores o que vês a êsmo, a eito,
o Algarve transformando num jardim.

O FILHO

E aquilo, Pai, aquilo, além, ao fim
dêste recorte de oiro sôbre o mar?

O PAI

Sagres, meu filho; foi dêste lugar,
bêrço de águas reais, que D. Henrique
fez partir suas náus, abrindo um dique
à conquistista das terras ignoradas,
terras, então, ainda inexploradas
mas lindas, férteis, cheias de riquezas:
— as ilhas e as colónias portuguesas.
Voltemos a Lisboa, pois, sômente,
do nosso Império viste o Continente.
Quero mostrar-te a parte principal:
— nosso grande quinhão colonial.
Dentro de poucos dias partiremos

noutro aéreo cruzeiro e, então, veremos,
sôbre os nossos domínios de Ultramar,
novos encantos, coisas de pasmar!
As ilhas da Madeira e dos Açôres
tôdas cheias de frutos e de flores.

— (Vê tu o que se deve a D. Henrique!) —
Nossa Guiné, Angola, Moçambique,
com suas roças e florestas densas...
Índia, Macáu, Timor, terras imensas;
riqueza incalculável, a riqueza
património da Pátria portuguesa!
Voltemos a Lisboa... Já não arde
a fogueira do Céu: — o sol... A tarde
tomba. (*Canto dum galo*) Cantam os galos nas her-
dades...

(*Dobre de sinos*)

O FILHO

Que é isto, Pai?...

O PAI

O toque das Trindades.

Sinal da Fé católica do Povo!...

A NARRADORA

Numa curva airoíssima, de novo,
veloz, regressa a aeronave e vôa
já sob o Céu tão lindo de Lisboa.
Iluminam-se as casas, os hotéis...

(*Toque de recolher — Disco*)

Toque de recolher!... Já aos quartéis
regressa a soldadesca. E já se acerca
a aeronave do seu ninho: — Alverca.

Aterrissagem! Cessa o seu barulho
o ruído do motor. (*Hino Nacional — Disco*)

Cheio de orgulho,

já em terra, o pequeno, ao ver, atento,
por acaso, a distância, um regimento
com a bandeira nacional erguida,
em voz forte, vibrante e comovida,
ao grato som do Hino Nacional,
clama contente:

O FILHO

— Viva Portugal!